

TEMPO E HESITAÇÃO: A SUBJETIVAÇÃO EM NARRATIVAS PESSOAIS ¹

Alexsander OLIVEIRA e Pedro de SOUZA ²

Há um momento em que, especialmente no ato de uma entrevista, tanto entrevistador quanto entrevistado estudam-se e adotam estratégias para a negociação que irão travar a partir do instante em que se lança a primeira pergunta, fator que incide na fluência e, conseqüentemente, no tempo ou na duração da entrevista (cf. SOUZA, 2000). A propósito disso, Mondada observa que a “abertura é o lugar onde se propõe o objeto de discurso que organizará tematicamente toda a entrevista” (1997:68). O *input* nesta particular situação interativa, é que vai estabelecer os parâmetros de compreensão e ratificação. Essa introdução vai permitir a ambos a construção de uma intersubjetividade na relação entrevistador/entrevistado e vai tecer, nos limites da conversação, o efeito de sentido entre os locutores.

Este é o ponto que queremos desenvolver neste trabalho. A questão é saber quais são as marcas audíveis detectáveis no plano oral da fala que indicam uma relação do sujeito com o tempo em uma situação particular de interação como a entrevista sociolingüística. Se suscitar narrativas pessoais é a estratégia fundamental do artifício de levantamento de dados sociolingüísticos (LABOV, 1978), é interessante observar como se constitui o sujeito dessas narrativas no tempo instantâneo da enunciação em que se desenrola.

Antes é importante expor do que se trata quando falamos de temporalidade no processo interativo. A noção de tempo que devemos aplicar aqui apresenta dois componentes analíticos: a duração e a memória como decorrência da duração. A primeira diz respeito à experiência vivida em um instante de ato interativo. Trata-se dos

referenciais do transcorrer de um acontecimento que a cultura ocidental desenvolveu em termos de sistemas de cronometragem em segundos, minutos e segundos que remetem à velocidade.

Já a segunda dimensão da temporalidade refere-se aos múltiplos e distintos sentidos que se abrem em cada duração ou durante o tempo que dura um ato de enunciação. O enfoque aqui adotado é o da escola francesa de análise de discurso, a qual fazemos passar pelas proposições deleuzianas sobre o tempo. O tempo é, pois, o acontecimento da interação submetido a diferentes ritmos de velocidade no interior do qual a memória se produz como virtualidade de significações. Portanto, o pressuposto que está no centro desta análise é o fato de que interagir requer tempo, não apenas do ponto de vista dos minutos que passam, mas, sobretudo, como possibilidade de mundos a serem narrados conforme a concretização de diferentes tempos, ou diferentes durações no processo interativo.

Como analisar lingüisticamente este processo que se apresenta assim de forma tão abstrata? Adotemos aqui o ponto de partida que nos é fornecido por Brés e Gardes-Maray (1991) e Barbéris (*apud* Souza, *op. cit.*, p.8), a saber, que no ato de enunciação, o tempo pode ser abordado em três instâncias: o “tempo a dizer”, o “tempo do dizer” e o “tempo do dito”. O tempo do dizer diz respeito ao enunciado concreto, audível e mensurável do momento da enunciação; é nele que ocorrem as pausas e as hesitações, bem como “todas as durações variáveis e descontínuas”(id., p. 10). O tempo a dizer e o tempo do dito dizem respeito ao plano daquilo que não pode ser medido nem visto. O primeiro representa o momento da elaboração lingüística e o segundo o armazenamento de sentidos na memória, e é na passagem destas duas instâncias para aquela outra que provém à hesitação, luta do dizível “contra a proliferação de dizeres acumulados em um mesmo intervalo temporal”. (id. p. 14)

No caso da entrevista sociolingüística, queremos chamar atenção para o fato de que não há um sujeito ao qual se atribui uma variante sociolingüística como maneira de falar, mas há antes um modo de falar ou realizar sons - e aqui nos interessa os de ordem

suprasegmental – que produz uma subjetividade e as histórias de vida que se constituem com ela.

Nossa atenção deve recair aqui sobre o que se passa no plano prosódico da conversação, destacando os fenômenos de hesitação que são assinaláveis por pausas sonoras e não sonoras e alongamentos vocálicos. Trata-se de uma interrupção da cadeia conversacional que apresenta a hesitação como uma espécie de despersonalização instantânea, através da passagem por entre múltiplas memórias de discurso.

Para uma análise mais precisa da hesitação vamos tomá-la como um fato prosódico materializado no que Laroche-Bouvy (1984) chama de pausa de hesitação. Esta varia segundo o tipo de interação verbal. Na entrevista, a hesitação ocorre sem perda do turno da fala, o que leva a autora a afirmar que “toda pausa de hesitação silenciosa pode ser explorada por uma ocupação do turno da fala”. Já na conversação, as hesitações devem ser analisadas segundo o número e estatuto dos interlocutores envolvidos.

Numa conversa a dois, o excesso de hesitação pode afetar o ritmo da interação. Quando a conversação envolve mais de dois participantes, é necessário que um deles detenha o poder de administrar os turnos de fala. Como as pausas de hesitação sempre abrem espaço para exploração do turno de fala, existe uma estratégia que dá lugar à hesitação sem perda do turno da fala. Neste ponto é que Laroche-Bouvy localiza o que chama de repetição e de pausa oralizada. A primeira designa procedimentos que consistem em repetir palavras, grupos de palavras ou segmentos de enunciados. A pausa oralizada se realiza sob a forma de emissão vocal de elementos não lexicais e alongamentos vocálicos, que variam conforme o sistema acentual da língua. Estes fenômenos são transcritos e categorizados no banco de dados do Varsul como traços de repetição e alongamento.

Não podemos adotar a conceituação de Laroche-Bouvy sem atentar para o fato de que o modelo de levantamento de dados da

pesquisa sociolinguística apresenta parâmetros híbridos entre a conversação e a entrevista propriamente dita: o entrevistador tanto pode, de maneira impessoal, aplicar uma bateria de perguntas, quanto pode provocar uma conversa espontânea com o entrevistado, no intuito de fazer o informante falar. Portanto, ao hesitar, o interlocutor está sujeito à perda do turno da fala.

Mas se trata aqui de outra perda: a dos referenciais de subjetividade dados pelas múltiplas memórias ou possibilidades de sentido abertas pela duração. Para narrar suas histórias de vida, o entrevistado vê-se interpelado a dissolver e a re-constituir sua identidade em um instante temporal indeterminado até que se atualize uma dada memória discursiva.

1. A análise

A partir dessas considerações, examinemos agora alguns trechos retirados de entrevistas sociolinguísticas disponíveis no banco de dados do projeto Varsul. O entrevistado é um florianopolitano, 52 anos. Para analisar o modo como se estrutura a narrativa pessoal nesta entrevista, focalizemos as ocorrências de pausas e hesitações. Conforme a ótica discursiva, temos nestes marcadores a materialidade da incompletude significativa que baliza a construção dos sujeitos da conversação.

Uma das dificuldades metodológicas aqui é a de estabelecer uma sistematização dos traços suprasegmentais perceptíveis de modo a evidenciar seu funcionamento no encadeamento narrativo. As transcrições do Varsul visam, sobretudo, salientar o jogo de turnos de fala na interação e o efeito que tem este jogo sobre a sistematicidade linguística. Para os objetivos de nossa análise, vamos adotar o mesmo critério, apenas simplificando a notação no sentido de mostrar que a hesitação, enquanto parte do fluxo narrativo, pode ser realizada de diferentes maneiras: prolongamento, interrupções, pausas. Por isto, nos guiamos pela grade seguinte:

E – entrevistador;

M – entrevistado;

(hes) – pausa silenciosa ou com emissão de sons não lexicais;

(hes-nº) – pausa longa, seguida do nº de segundos de sua duração;

mas- – prolongamento;

[ele]- – repetição, auto-correção ou reformulação, interrupção do turno de fala.

Em certa medida, vista como componente estruturante da temporalidade narrativa, toda ocorrência de hesitação está ligada ao tempo, já que tempo aqui diz respeito não às formas lingüísticas, mas à duração como um evento concreto da enunciação, que emerge empiricamente sob o modo de realizar unidades sonoras de natureza prosódica. Portanto, não nos remetemos ao tempo enquanto expressão referencial lingüística formando desinências verbais e sintagmas adverbiais, mas antes como experiência vivida que tem uma relação íntima com a maneira de falar, portanto, de significar no instante concreto da enunciação.

O cuidado aqui, para não cair no enfoque funcionalista da interação, consiste em não resvalar em um psicologismo a priori, relacionando cada hesitação a uma espécie de insegurança por parte do informante ou do entrevistador. A análise deve se ater ao que se escuta em termos de pausa, oralizada ou não, que remete à hesitação.

Tomemos então alguns fragmentos recortados de uma das entrevistas arquivadas no Projeto Varsul. (SC FLP 14 M B GIN). Logo na primeira intervenção, encontramos o primeiro sinal de hesitação partindo de E.

E - Gostaria que- (hes) o senhor iniciasse dizendo seu nome completo.

No alongamento vocálico, M responde quase mecanicamente. Além do nome, M complementa dizendo idade, residência, estado civil e, no final, interroga “que mais?”

“O senhor trabalha no quê?” é a próxima pergunta, seguida de uma breve resposta - “no correio”, E, então, repete - “no correio...”. M continua no mesmo fio respondendo a E. A entrevista segue.

M- “Como foi o seu tempo de carteiro, tu conheceste bastante a cidade né?”

E - Â, hã. **[Ê, eu]-** É um **serviço-**, assim, não é difícil, né? **[ele]-** (ruído) **(hes.)** ele leva mais tempo dentro do Correio, preparando, ordenando, do que na entrega. Porque- é difícil aprender a localização da rua, e tem que [colocar as]- (hes) manipular uma após outra porque o carteiro não pode retornar, ele segue o caminho inteiro. Ele tem um caminho né? E se ele voltar, se ele não ver que esqueceu uma correspondência pra ser entregue, se ele voltar, ele vai atrasar o serviço, porque [aquele]- aquele roteiro que ele tem já é acompanhado pelo pessoal do correio que [faz a]- (hes) faz os distritos.

De fato, M é interpelado com duas questões que remetem ao fator tempo e espaço. E quer saber de M como era o tempo e o lugar onde começou sua vida de carteiro. Lembremos que para Marconot tempo e espaço são esferas indissociáveis, ou seja, um não se dá sem referência ao outro. No momento em que o entrevistado faz mobilização da memória em busca do que dizer, ele busca uma relação onde o conhecimento da cidade está diretamente relacionada ao momento em que inicia seu ofício de carteiro.

Contudo, conforme prevenimos antes, nosso enfoque não se atém ao modo de fazer referência ao tempo e ao espaço, mas sim à temporalidade enquanto unidade concreta de duração. Uma elasticidade temporal tornou-se perceptível neste ponto. Dai decorre um grande número de ocorrências de hesitação singularizando este

trecho da entrevista. Trata-se não de produzir a devida resposta, tampouco de M prosseguir após a pausa, explicando funcionalmente seu trabalho como carteiro, o que está em jogo, neste ponto da interação, é a emergência necessária da narrativa pessoal e com ela o sujeito que narra a si mesmo.

E – O carteiro, é sempre ele na rua, no mesmo local, **[ou]-**

M - É sempre no mesmo local, mesmo dia, é sempre ele. Só no caso de faltar, né? Férias, aí é trocado, aí vai outro no lugar.

Mas- normalmente o carteiro é- sempre o mesmo. (...)

Tem- pessoas que- a- aguardam o carteiro por volta de **[dez]-** dez horas.

Aqui o prolongamento e a repetição ritualizam a construção do sujeito em vias de se fazer na enunciação. Não falamos aqui de dificuldade de acesso imediato à memória, como o faria uma perspectiva de base cognitivista, mas do trabalho mesmo da memória que consiste em dispor as palavras e seus sentidos de modo inacabado. Este processo tem base empírica na hesitação, segundo ocorre neste fragmento. A reticência emitida por E e a tentativa de preenchimento de M ilustra o cruzamento entre uma memória a emergir no tempo a dizer e outra pré-construída no tempo dito.

Mais adiante percebe-se na fala de M a tentativa de localização geográfica do trajeto, citando os nomes de alguns dos locais que costumava passar. Antes disso tenta organizar o espaço de tempo que lhe concerne, diante da questão colocada para ele. M tenta resgatar o tempo da experiência e o recoloca no tempo da entrevista (enunciação). E é justamente a distância entre este tempo da experiência (tempo do dito) e o tempo do dizer (da entrevista) que define o que estamos tomando aqui por hesitação. Para haver a transposição da memória para a fala oral, é preciso fazer recortes nela, recortes ora inconscientes, ora cuidadosos, emergindo destes últimos as hesitações, pois é a partir destes recortes que o enunciador constitui-se e apresenta-se como sujeito ao seu enunciatário.

Notemos que a questão do espaço não foi abordada na pergunta. Mais uma vez aparece aqui o “acontecimento” definido por Pecheux, como o ponto em que a memória atual se encontra com outras pré-construídas. Não porque houve uma volta sobre uma situação passada fazendo com que o informante rompesse, devido às muitas interrupções presentes, uma cadeia não linear de seqüências formuladas. O que nos importa assinalar é que esta multiplicidade de interrupções é uma espécie de contra-circuito, rompendo os limites da temporalidade, tal como se rompe as barreiras de um açude. Perante a hesitação, o sujeito perde os referenciais de presente, passado e futuro e se dissolve em uma dimensão temporal indeterminada que se abre em meio ao processo enunciativo da entrevista.

M – Ela [disse]- tentou dizer que- (hes) eu era um empregado (hes) dela. [Aí]- (hes) aí eu: Não, eu sou empregado do correio.

Nesta passagem, o entrevistado narra um episódio em que se desentende com um dos destinatários da correspondência que deve entregar. Uma senhora pede que ele deixe a carta destinada a ela sobre sua mesa. Ele se nega a atender o pedido. Ao receber a negação, a senhora alega que é seu dever atender ao que ela pede, por entender que um carteiro é um empregado dela.

O principal ponto a ser destacado aqui é o fato de que, ao selecionar este episódio e não outros, o entrevistado teve que fazer um recorte na memória discursiva que torna possível sua subjetividade na entrevista. Ao contar o fato, ele seleciona não só acontecimentos como também a forma de relatá-los. Este trabalho de seleção demanda tempo, o que impõe uma retalhação em que o tempo recorta-se em muitos, tomando as formas enunciativas do “tempo do dizer”, “do dito” e do “a dizer”.

Assim, este pequeno excerto da entrevista mostra diferentes tipos de hesitações, como pausa, prolongamento, repetição e auto-

correção, que fazem parte de sua construção enquanto sujeito, lembrando que este só existe enquanto discurso.

M- Estava aberta né? (hes-5) botasse em cima do sofá. (hes-5) Apesar da casa (hes) já era meio difícil, que fica, assim, meio no alto, tem uns degraus, não tem? Passar o portão, e isso aí sempre atrasa o serviço do carteiro.

Neste trecho temos três exemplos de pausa silenciosa, duas delas longas. Instituiu-se considerar pausa longa aquelas a partir de três segundos de duração. Podemos fazer corresponder a pausa à noção de silêncio dada por Eni Orlandi. Nos planos do tempo a dizer e do “não-dizer” interpelam-se discursos a fim de melhor suprir o vazio da linguagem. Em toda a fala há uma intervenção de várias redes de memórias discursivas que lutam entre si, e ao se encontrarem em algum obstáculo, causam a pausa. A pausa longa representa uma hesitação na qual o tempo se apresenta ainda mais dilatado, no qual a fala tende a ser mais trabalhada, não em nível de forma ou conteúdo, mas em nível inconsciente de constituição do sujeito

M – E no correio é um troço ruim porque o que se aprende lá, não tem outro lugar fora (hes) [pra]- pra se fazer. Aquela aprendizagem- [tu não]- (hes) a pessoa não usa em lugar nenhum. A não ser numa Celesc ou numa Casan, de sair entregando [as]- (hes) aqueles formulários.

A reformulação e auto-correção feitas pelo locutor apontam novamente para a construção dele e do interlocutor como sujeito. Inicialmente ele diz [tu não], em seguida “a pessoa não usa em lugar nenhum”. Ele troca o dêitico direto “tu” pela expressão referencial “a pessoa”, excluindo o seu interlocutor de uma referência direta de sua afirmação. Em seguida ele reformula

novamente o artigo [as]- para o demonstrativo “aqueles”, desta vez especificando melhor o objeto referenciado a partir de um dêitico, processo inverso do ocorrido anteriormente. Mas não importa aqui o trabalho de construção referencial, e sim o ato concreto que implica este trabalho; Este é mais um fator de abertura do tempo no discurso, em que o tempo a dizer intervém no tempo do dizer.

E – E [o]- [o ci]- o cinema, o senhor não costuma ir?

M – Não, dificilmente. [Ê mu]-

E – [Ê muito] caro também, né?

M – Ê, já faz muito tempo que eu não vou ao cinema, teatro-

E – O senhor está no segundo ano, né?

Aqui há duas interrupções do turno de fala, uma sem que o perdedor do turno apresente qualquer hesitação; outra decorrente de prolongamento vocálico. A primeira dá-se quando E tenta completar o enunciado a ser construído por M. [Ê mu]; a segunda ocorre quando, ao responder a E, o turno de M é interrompido com uma sobreposição de fala: “[Ê muito] caro também, né?”. Este não é necessariamente o sentido que talvez M daria a sua resposta, mas uma possibilidade de sentido dada por E a partir e sua visão e construção de M enquanto sujeito. Assim, E parece construir M como alguém que não tem dinheiro para pagar o cinema. Neste ponto, mais que o indecível, impõe-se uma representação subjetiva que concorre para o fechamento do tempo dilatado durante o percurso dessas hesitações.

A próxima interrupção decorre de uma hesitação de M, prolongamento vocálico, de que E aproveita para mudar de assunto. Ao mudar de assunto, a dimensão temporal também muda, havendo uma quebra da temporalidade atual dando lugar ao surgimento de uma nova temporalidade, porém não desconexa da anterior, mas com novos interdiscursos e novas possibilidades de tempos a dizer.

2. Pausa, o silêncio

Falar do silêncio ou considerá-lo como um objeto de reflexão, apresenta suas dificuldades. Eni Orlandi (1992:11) inicia seu livro “As Formas do Silêncio” dizendo que o silêncio nos faz correr o mesmo risco de “seus efeitos: o de não saber caminhar entre o dizer e não-dizer.” Levando em consideração o dizer e o não dizer podemos encarar o silêncio de dois tipos: o silêncio sonoro e o não sonoro, a mesma pausa sonora e não sonora em que o sujeito se constrói e constrói seu discurso. Então o silêncio, para nós, é estendido até uma instância em que não existem palavras, mas formas significativas de expressão, onde a união de pequenas partículas de hesitações dentro do discurso irão resultar na multiplicidade de vozes que permeiam o discurso do informante. Nesta dimensão em que vemos emergir a subjetividade no discurso, estes elementos de hesitação vão permitir ao informante operar a forma de melhor encadear o dito e o a dizer, permitindo a escolha entre os objetos da sua narrativa de si e de como dizê-la.

Ainda de acordo com Orlandi, consideremos que “há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer tem relação com o não-dizer” (id. 1992:12), ainda, o silêncio é um lugar de recuo (fôlego) necessário para que o sentido faça sentido. No momento em que surge a hesitação na fala do informante ou do entrevistador, o aparente caráter casual da interrupção tem grande relação com o processo de formação do sentido. Assim se o silêncio tem relação com o dito e o a dizer, o não dito tem seu sentido dentro do curso da fala e a completa, não pelo fato de corresponder a uma ausência de som ou suspensão da fala, antes porque o silêncio desenha, no vácuo que se abre entre o sonoro e não sonoro, o trajeto do sentido no curso da fala, num movimento incessante e inconcluso.

Tal é a característica da temporalidade que fazemos objeto neste trabalho: a descontinuidade que pontua o ritmo do dizer.

Chegamos aqui aos traços marcadores de pausas no trabalho em questão, as pausas aqui não seriam consideradas como “acidentes” da linguagem, mas como constituintes dela.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, torna-se visível a articulação da temporalidade enquanto forma de construção do sujeito no discurso. A atenção sobre o processo narrativo nos leva a ouvir as entrevistas como se escuta uma emissão radiofônica teatralizada, onde no fio do discurso da conversa, o analista encontra os elementos que denotam uma particularidade no modo de realizar o som. Esta particularidade está ligada à abertura para memória, para as múltiplas possibilidades de significar que vão resultar num fragmento de história de vida.

Disto é feita a entrevista sociolinguística, ou seja, de fragmentos de história de vida que se produzem através do jeito de realizar o tempo. Por esta razão, a análise deve se ater não ao sujeito que existe antes e encontra um jeito de se mostrar e contar sua história, mas ao modo de realização sonora, algo como uma pauta musical diante da qual o sujeito se faz simultaneamente no mesmo instante em que articula discursivamente suas narrativas pessoais.

A entrevista, aqui constituída como objeto de uma análise discursiva, apareceu como um gesto ficcional cuja trama é materialmente formada de uma pauta sonora. Esta pressupõe quase uma partitura musical. Nela cada intérprete se faz como efeito da obra, assim como, seguindo a prosódia de uma conversação, se pode ver o sujeito se constituindo, mediante o modo de enunciação oral que lhe dá suporte. Para além do fato linguístico formal, tomamos o processo ficcional que nos conduz à prática teatral e musical que não pode prescindir da voz, planos em que a linguagem depende do ritmo sonoro para fazer sua obra. Nos dados do Varsul, a obra que nos interessa, é a subjetividade dada pela temporalidade que gira

no ato do contar a si mesmo.

Referências bibliográficas

- BARBÉRIS, J.-M. (1997) *Tempos du langage et production du sens à l'oral*. Proceedings of XVIth International Congress of Linguists. CD-Rom/ Editor Bernard Caron.
- DELEUZE, G. (1985) *L'Image temps*. Paris: Les éditions de Minuit.
- LABOV, W. (1972-1978) *Field Method used by the Project on Linguistic Change & Variation*. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- LAROCHE-BOUVY, D. *Les pauses et les silences dans l'interaction verbale*.
- MARCONOT, J.M. (1986) L'espace et le sujet social. In *La Production d'identité. Symposium International*. Montpellier: Université Paul Valéry et CNRS.
- MONDADA, L. (1997) *L'entretien comme événement interactionnel. Approche linguistique et conversationnelle*. Mônica Zoppi-Fontana (trad.). Revista Rua, nº 3, LABEUR.
- PECHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso. Uma crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP.
- SOUZA, Pedro de. (2000) *Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral*. Revista da ANPOLL, nº8. São Paulo/SP: Humanitas/FFLCH/USP.
- _____. (2000) *Jogando conversa fora: a gênese do sujeito falante em entrevista sociolinguística*. *Linguas e Instrumentos Lingüísticos*, nº5. Campinas/SP: Pontes Editores e Projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (1992) *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

Notas

¹ Este trabalho está inserido no projeto "Tempo e subjetividade em narrativas pessoais de situação de entrevista sociolinguística", desenvolvido por Pedro de Souza (UFSC/CNPq).

² Alexsander Oliveira é aluno do curso de Letras da UFSC, bolsista de iniciação científica pelo PIBIC.

Pedro de Souza é professor adjunto do Departamento de Língua e Literatura

Vernáculas e especialista em Análise do Discurso. Este texto, em estado provisório de exploração teórica e metodológica é, sobretudo, resultado de um diálogo, desenvolvido *online* e em *tempo assíncrono*, em que a composição do corpus de exemplos, as questões, objeções e dúvidas efetuadas pelo bolsista são os elementos fundamentais que estruturam a reflexão exposta aqui e que balizam a co-autoria.